

O Capital - Crítica da Economia Política

Capítulo 2 - Processo de Troca

Revisão

Vimos que o fetiche da mercadoria surge quando o produto do trabalho assume a forma mercadoria.

Vimos que a mercadoria é fetiche, pois ela "*ela reflete aos homens as características sociais do seu próprio trabalho como características objetivas dos próprios produtos do trabalho*".

Vimos ademais

Que as relações sociais se dão entre as coisas e que, por isso, as relações sociais são **coisificadas ou reificadas** no modo de produção capitalista.

Que a tentativa de negar a coisificação – no pensamento, abstratamente – leva a tratar o social como **mera convenção**.

A mercadoria e o seu mundo

O mundo da mercadoria – que é um sistema altamente complexo de relações sociais coisificadas – **provém da atividade humana**. É criação social não intencional, cega, que se torna autônoma e que passa a dominar o seu criador. Assim, esse próprio mundo porta também o **caráter de fetiche**.

O mundo mercantil e o homem

O homem que vive nesse mundo, como sempre, quer sobreviver. Para tanto, ele se torna dependente do sistema que ele diuturnamente recria. Torna-se, dizendo de outro modo, **criatura da própria criação.**

Como isso acontece? Como se dá a subordinação do homem ao sistema mercantil?

Por meio da troca

"As mercadorias não podem por si mesmas ir ao mercado e se trocar. Devemos, portanto, voltar a vista para seus guardiões, os possuidores de mercadorias".

Ou seja, as mercadorias requerem ser transacionadas, mas elas em geral não podem se trocar por si mesmas. São portadoras de uma necessidade social imperiosa, mas precisam de seus próprios proprietários para cumprirem o próprio destino, ou seja, *requerem os serviços* "dos possuidores de mercadorias".

*Diz Marx: "Para que essas coisas se refiram umas às outras como mercadorias, é necessário que os seus guardiões se relacionem entre si como **pessoas, cuja vontade reside nessas coisas**, de tal modo que um, somente de acordo com a vontade do outro, portanto cada um mediante um ato de vontade comum a ambos, se aproprie da mercadoria alheia enquanto aliena a própria."*

Continua Marx: “Eles devem, portanto, reconhecer-se reciprocamente como proprietários privados. Essa relação jurídica, cuja forma é o contrato, desenvolvida legalmente ou não, é uma relação de vontade, em que se reflete a relação econômica [das mercadorias]”.

Sujeitosujeitados

Notem, porém, que as pessoas não são pessoas, mas **pessoas negadas** enquanto tais:

*"As pessoas aqui só existem, reciprocamente, como **representantes das mercadorias** e, por isso, como possuidores de mercadorias. Veremos no curso do desenvolvimento que... os personagens econômicos encarnados pelas pessoas nada mais são que as **personificações das relações econômicas**..."*

Homem não-homem

Homem negado? O que é isso? Por quê?

Note-se que o sistema econômico é uma **fonte de heteronomia**.

No sistema econômico, a pessoa recebe determinações que lhe são exteriores, segue leis sociais que têm a aparência de leis naturais e, por isso, conforma a sua razão como mera **razão instrumental**.

Os agentes agidos

A contrapartida da coisificação das relações sociais – e do fetiche – vem a ser a interversão das pessoas em **caracteres socialmente necessários**.

Esses personagens econômicos são agentes, mas eles não determinam os fins de suas ações. Eles se movem, é certo, por suas "paixões", "desejos" e "instintos". Porém...

Como se dá a inversão?

A inversão do agente em funcionários

"Em sua perplexidade, os nossos possuidores de mercadorias pensam como Fausto. No começo era a ação. Eles já agiram, portanto, antes de terem pensado. As leis da natureza das mercadorias atuam através do instinto natural dos seus possuidores..."

Homem-sujeito (1)

Deve-se perceber que para Marx, o homem nessa condição não é o homem, não é homem-sujeito, mas suporte da relação social coisificada.

Marx pensa o homem como uma duplicidade: ele pode ser um sujeito socialmente consciente e autodeterminado (registro da pressuposição), mas, em geral, ainda não o é (registro da posição).

Homem-sujeito (2)

Atualmente, ele está posto – põe-se por necessidade, conformismo, inconsciência ou mesmo oportunismo – na esfera econômica como não-homem, ou seja, como mero suporte de relações sociais.

Note-se que esse “pode ser” não é um destino histórico, algo que vai acontecer em algum momento. É algo que pode acontecer no futuro porque o homem já no presente pode se negar como não-homem, pode afirmar a sua dignidade, individual ou coletivamente.

O Capital, para quê?

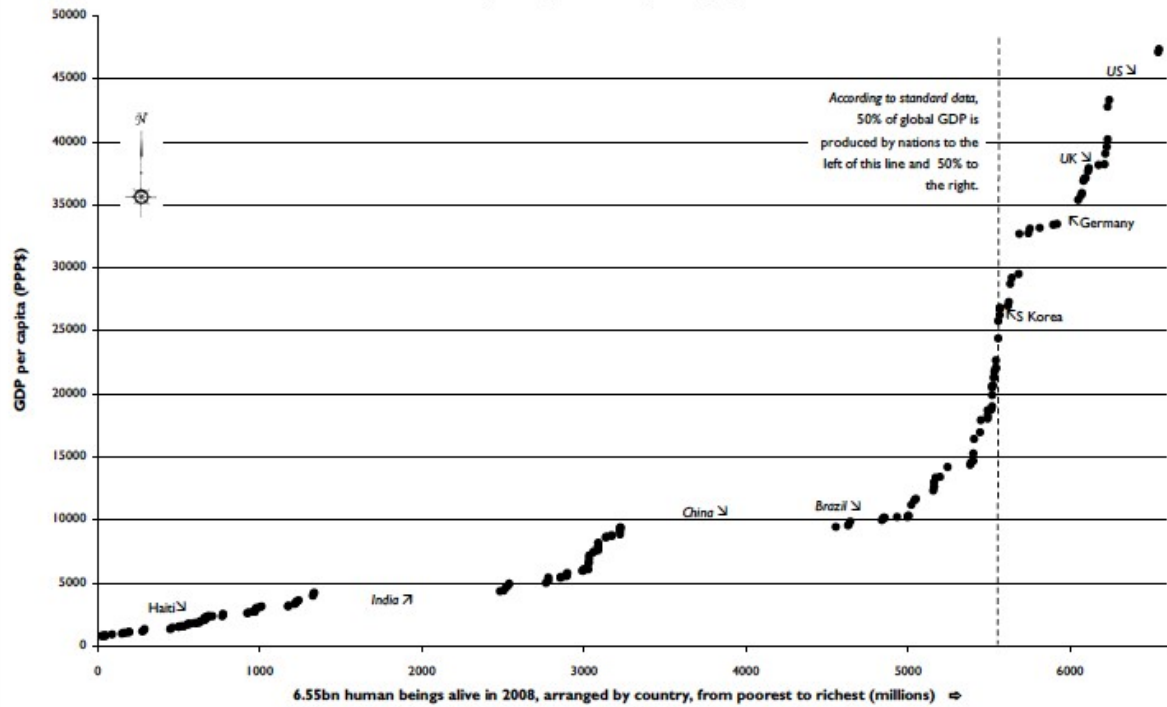
Que interesse ainda pode ter *O Capital*?

Para aqueles que pensam que não há alternativa à economia de mercado ou que este é o melhor mundo possível, o único interesse admissível é que podem aprender a criticá-lo.

Mas um interesse por *O Capital* nasce também da realidade dilacerada.

Map of the World, 2008

per capita GDP (PPP\$) by nation



Para aqueles que julgam necessário – e possível – encontrar alguma alternativa ao estado de coisas atual, *O Capital* responder algumas perguntas importantes:

- O que é capitalismo?
- Como criamos, sem o saber, a nossa própria alienação/estranhamento?
- Como produzimos, sem o desejar, a exploração do homem pelo homem?
- O que o capitalismo nos reserva historicamente?

Quem são?

Os opositores do capitalismo?

Sem pretender esgotar o assunto vou distinguir
três forças oposicionistas, procurando
caracterizá-las pela sua posição em relação à
[alienação/estranhamento](#).

Por que são opostos?

Uma questão chave

Isto, agora sabemos, é uma chave central de *O Capital*.

Dela advém uma **questão crucial**: a alienação/estranhamento é apenas uma condição existencial do homem ou é uma situação objetiva posta pela coisificação do social?

Vou distinguir:

- a. O sindicalismo;
- b. O leninismo;
- c. O autonomismo.

O sindicalismo

O sindicalismo acredita na **espontaneidade** do movimento operário. Pensa que os trabalhadores, por si próprios, são capazes de elaborar um pensamento político independente e um programa de luta que satisfaça os seus próprios interesses.

Por meio do desenvolvimento econômico e da luta sindical, os trabalhadores **adquirem consciência** da possibilidade de lutar por melhores condições de trabalho e, por esse meio, podem chegar à consciência da necessidade do socialismo.

É evidente que a posição sindicalista não nega a existência da alienação/estranhamento. Mas a concebe como um **problema de consciência** que a luta sindical aos poucos resolve.

O leninismo

Para Lênin, em *O que fazer?*, “o sindicalismo é *justamente a escravidão ideológica dos operários à burguesia*”. Por quê? Porque a luta econômica vem a ser para ele, em última análise, **um momento da reprodução do sistema**, mesmo se for indesejada pela burguesia.

A consciência socialista não foi produzida pelo proletariado, mas surgiu de um conhecimento científico que foi gerado por intelectuais burgueses. Ela é “*um elemento importado de fora na luta de classe*”.

É evidente que, para Lênin, os trabalhadores são prisioneiros da coisificação social que é algo estrutural. Para ele, só um partido revolucionário de quadros pode quebrá-la.

O autonomismo

Em *Crack capitalism* (2010), John Holloway escreve:
“A tradição do marxismo ortodoxo diz que o único modo de ir em frente é quebrar o sistema como um todo, tomar o poder de estado, desmantelar o capitalismo e construir o socialismo. Mas isto não funciona, isto não funcionou. A única opção é lutar a partir do particular, enfrentando a força do todo”.

É evidente que Holloway compartilha com Lênin a tese de que a fonte da alienação é estrutural e que o capitalismo é um sistema total. Mas não compartilha com ele a tese de que a transformação social vem de fora, por meio de um partido revolucionário do tipo clássico.

Lenin e o Estado

Lenin acreditava que a supressão dessa economia – por meio da criação de uma economia estatal e planejada – superaria o capitalismo.

Para ele, a abolição dos mercados (ou seja, da concorrência capitalista), em particular do mercado de força de trabalho (ou seja, do trabalho assalariado) seria suficiente para deixar no capitalismo no retrovisor.

Estado proletário

Toda estratégia estava voltada para a tomada do poder de Estado.

Por meio do Estado proletário, segundo ele, os trabalhadores escapam da exploração e se apropriam das próprias forças produtivas que estavam em mãos dos capitalistas. Com a tomada do poder, segundo ele, acaba o estranhamento.

Holloway e o Poder

Já Holloway, diferentemente, pensa que o central não é propriamente a economia mercantil, **mas o trabalho abstrato** (ou seja, a forma de valor).

Este, aliás, **pode continuar existindo** sob outra forma aparente de mediação social (a saber, sob a forma de produto social) no interior de um sistema totalizante, a saber, o Estado dito proletário.

Do labor ao fazer

A superação do capitalismo só viria, para ele, com a **supressão do trabalho como “labor”** (trabalho alienado) e a sua substituição pelo **trabalho como “fazer”** (trabalho voluntário e autônomo).

Por “fazer”, ele entende *“a atividade não sujeita a uma determinação externa, mas autodeterminada”*.

Para chegar ao fim

Que tal subverter a formula neoliberal?

E afirmar: não há alternativa senão o socialismo marxiano. Mesmo se o socialismo **aparenta ser, por enquanto, uma miragem.**

O capitalismo pode durar para sempre? Um sistema baseado no crescimento exponencial não terminará necessariamente num grande desastre?

E o desastre não está já a caminho?



A subida antropogênica

Será?

Infelizmente, a afirmação anterior está errada.

Há pelo menos uma alternativa ao socialismo (caracterizado aqui pela extinção da forma valor), qual seja ela, a extinção da espécie humana.

Ou sua regressão à barbárie.